

A POTÊNCIA DO CORPO, SUAS LINGUAGENS, SUAS NARRATIVAS EM *A FÚRIA DO CORPO* DE JOÃO GILBERTO NOLL

THE POWER OF THE BODY, ITS LANGUAGES, ITS NARRATIVES IN THE
BODY FURY BY JOÃO GILBERTO NOLL

Francisca Gilmara da Silva Almiro¹
Roniê Rodrigues da Silva²

RESUMO: Este trabalho apresenta uma leitura do primeiro romance do autor João Gilberto Noll, *A fúria do corpo* (1981), a partir de associações com teorias que transitam entre a literatura, a sociologia e a filosofia, em específico com as ideias problematizadas pelos estudiosos franceses Gilles Deleuze e Félix Guattari. No desenvolvimento do objetivo pretendido, considera-se, sobretudo, uma discussão sobre a representação do corpo, realizando conexões entre a perspectiva supracitada, a partir dos construtos teóricos de *Corpo sem Órgãos* e *Rizoma*, bem como proposições de Michel Foucault, Zygmunt Bauman (2005), Michel Maffesoli (2001), entre outros. No percurso da nossa leitura crítica destacamos como a linguagem na narrativa de Noll é composta pelos desenraizamentos e pelas subjetividades que constituem o sujeito humano na contemporaneidade.

Palavras-chave: Linguagem; corpo; subjetividade; Noll.

ABSTRACT: This work presents a reading of the first romance by João Gilberto Noll, *The Body Fury* (1981), from associations with theories that transit among literature, sociology and philosophy, in specific with the ideas problematized by French scholars Gilles Deleuze and Félix Guattari. In the development of the intended objective, it is considered, above all, a discussion about the representation of the body, realizing connections among the mentioned perspective, from theoretical constructs of *Body without Organs* and *Rhizome*, as well as propositions by Michel Foucault, Zygmunt Bauman (2005), Michel Maffesoli (2001), among others. In the route in our critical reading, we highlight how the language in the narrative by Noll is composed of uprooting and subjectivities that constituted the human subject in the contemporarily.

Keywords: Language; body; subjectivity; Noll.

¹ Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

² Doutor em Estudos da Linguagem - Literatura Comparada, pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN. Pós-Doutorado no Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade da Universidade Estadual da Paraíba - UFPB, com bolsa PNPd/Capes. Professor Adjunto na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UFRN. Docente Permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UFRN.

O corpo tem sido tomado como um importante objeto de investigação por pesquisadores de diversas áreas, não apenas aquelas relativas às Ciências da Saúde, mas também às Ciências Humanas e Sociais, as quais ao longo dos tempos têm problematizado a noção de corpo, sobretudo, numa contraposição aos mecanismos institucionais de controle que o interpretam como um corpo-objeto. Esse corpo objetificado foi durante anos entendido como aquele à disposição das instituições, as quais quase sempre atuaram numa composição de forças responsáveis por controlá-lo. Entretanto, como resultado de uma série de transformações históricas, na contemporaneidade, o corpo tem sido concebido em outras perspectivas, através das quais passa a ser interpretado, também, a partir de um protagonismo, como demonstrado por boa parcela da arte contemporânea responsável por problematizá-lo, por exemplo, numa relação com a heterogeneidade, com os deslocamentos. Esse fato nos leva a entender que as estéticas contemporâneas buscam novas formas de compreensão sobre o corpo, a partir das quais ele passa a ser concebido não mais como um elemento fixado, territorializado dentro de paradigmas sociais que o despotencializam, mas, ao contrário, como campo de imanência do desejo, conforme podemos observar na obra de João Gilberto Noll, consoante veremos na sequência pela leitura de *A fúria do corpo*.

Esse primeiro romance de João Gilberto Noll é escrito em primeira pessoa e narra a história de um casal que vive em situação de rua, mais precisamente em Copacabana, no Rio de Janeiro. O romance foi publicado originalmente em 1981 e está situado no período de produção literária que ocorre concomitante à época da Ditadura Militar no Brasil. Na referida narrativa, encontramos representados poucos personagens, os quais compõem a trama experienciando em seus corpos as ameaças e repressões provocadas por uma sociedade de controle. Por outro lado, esta representação acontece também de forma a questionar as padronizações sociais, ao passo em que problematiza as diversas formas de expressão do corpo.

Para tanto, Noll constrói *A fúria do corpo* como uma obra que se apresenta ao leitor a partir de uma linguagem erótica, que se perpetua por toda a narrativa no constante desejo pela libertação dos sistemas controladores. O escritor questiona a sexualidade e as normatizações que exploram modos de vida subalternos, tais quais as pessoas que vivem em situação de rua e que são representadas como protagonistas. Trata-se de uma narrativa que escolhe representar o corpo em suas paixões e intensidades sem que ele seja compreendido apenas como o objeto do suplício, mas como aquele que tem significação, como um corpo carregado de subjetividades, um corpo que fala.

Estes aspectos, perceptíveis na obra, nos permitirão fazer uma leitura crítica que se constitui, em um primeiro momento, fundamentada em construtos teóricos e filosóficos discutidos por Michel Foucault (2013), quando ele propõe a ideia do corpo enquanto fala, enquanto discurso. Tal pensamento do autor nos auxilia no entendimento de que a construção de sentidos sobre o corpo acontece em todos os lugares, em todos os espaços. Isso porque, para o filósofo, o corpo torna-se um fator essencialmente social e, assim sendo, carrega relações de saber/poder que o fazem sair da condição de ser apenas entidade biológica. Dessa forma, o corpo pode operar tanto de maneira disciplinar quanto atender aos desdobramentos que o tornam transitório, maleável, instável. Nas palavras do autor:

Meu corpo está, de fato, *sempre* em outro lugar, ligado a todos os outros lugares do mundo e, na verdade, está em outro lugar que não o mundo. Pois é em torno dele que as coisas estão dispostas, é em relação a ele - e em relação a

ele como em relação a um soberano - que há um acima, um abaixo, um a direita, um a esquerda, um diante, um atrás, um próximo, um longínquo. O corpo é o ponto zero do mundo, lá onde os caminhos e os espaços se cruzam, o corpo está em parte alguma: ele está no coração do mundo, este pequeno fulcro utópico, a partir do qual eu sonho, falo, avanço, imagino. Percebo as coisas em seu lugar e também as nego pelo poder indefinido das utopias que imagino. Meu corpo é como a Cidade do Sol, não tem lugar, mas é dele que saem e se irradiam todos os lugares possíveis, reais ou utópicos. (FOUCAULT, 2013, p. 14)

Considerando o pensamento foucaultiano, concebemos o corpo, sobretudo, como aquele que, possuidor de um lugar no mundo, faz sentido. É um corpo que fala, que transita entre os espaços e, nesse trânsito, possibilita a construção das múltiplas subjetividades, das variadas identidades. Ele se apresenta, assim, não mais como um corpo objetificado ou como apenas uma entidade biológica, mas como uma nova forma de liberdade e expressão de si e do mundo. Todavia, não podemos deixar de observar que, no cenário de produção capitalista, o corpo é compreendido, conforme destaca Foucault (2013), como dispositivo de disciplinamento, sendo manipulado no interior desta lógica, de modo que passa a ser entendido como corpo vivo e disciplinado, seguindo a tradição imposta pela ordem e aprisionamento, mesmo que involuntariamente. Este aspecto deixa evidente que o corpo efetivado por este sistema advém de valores propagados pela sociedade de controle a partir de ideais racionalistas.

Mesmo nesse cenário de produção, as variadas pesquisas sobre o corpo possibilitaram vê-lo a partir de diferentes perspectivas, em que ele assume determinado protagonismo como acontecimento discursivo, tal qual pontua Foucault (2013). É um corpo que funciona enquanto linguagem e assim sendo, produz sentidos nos discursos, é lugar simbólico de espaços e movimentos. É um corpo que representa produção porque é desmaterializado e se ocupa da construção das subjetividades e sentidos. Certamente, para Foucault (2013), o corpo é uma heterotopia, lugar implacável de vários outros espaços, espaço de significação não neutro. É um grande barco que flutua por lugares que se conectam ao infinito numa dupla articulação entre o saber e o poder.

Em *Microfísica do poder* (1984), o filósofo acrescenta: “[...] o controle da sociedade sobre os indivíduos não se opera simplesmente pela consciência ou ideologia, mas começa no corpo, com o corpo” (FOUCAULT, 1984, p. 80). Isto acontece em consequência de que o capitalismo desenvolvido em fins do século XVIII e início do século XX socializou o corpo como força de produção e, para o filósofo, o controle da sociedade sobre os indivíduos inicia pelo corpo, haja vista este ser uma realidade bio-política, na qual as forças de trabalho foram investidas política e socialmente. Nessa perspectiva, o filósofo francês nos possibilita, a partir disso, refletir a relação corpo-poder nas experiências individuais e coletivas dos sujeitos. O poder, como força produtiva, explica a dominação numa sociedade pós-moderna e globalizada, através da qual não estabelecemos uma percepção pura e única do corpo, mas interpretações tanto sobre ele quanto sobre outros. Vale ressaltar que tais interpretações não são somente o resultado de razões ou vontades individuais, mas de estruturas coletivas formadas por micropoderes pelos quais o nosso corpo, e o corpo do outro, é atravessado por desejos, sentimentos, subjetividades, etc. Assim sendo, o poder em sua positividade tem no corpo não somente o objeto do suplício ou da mutilação, mas uma disciplina para o aprimoramento de suas potencialidades e capacidades. O filósofo francês tem razão quando aponta o corpo como instrumento de significação no mundo, pois cada um tem sua história e suas singularidades caracterizadas por acontecimentos

discursivos que perpassam os dizeres advindos de campos diversificados, os quais vão desde a ciência até o campo científico, artístico, social.

Considerando o exposto, o romance *A fúria do corpo* convoca a discussão supracitada por se constituir de uma narrativa que acontece pela efervescência do corpo e de fragmentos de linguagem, os quais são tomados para a construção de um todo literário. Nesse sentido, a obra a que nos referimos nos possibilita realizar uma leitura crítica que nos põe ao encontro das discussões filosóficas de Foucault, quando ele faz referência as ideias de corpo e poder. Para tanto, iniciamos nossas problematizações pensando no enfoque dado aos personagens protagonistas da narrativa em questão. Tomaremos para referência analítica as figuras do narrador-personagem e sua companheira, uma prostituta de rua, nomeada por ele mesmo, momentaneamente, de Afrodite. Esses personagens protagonistas são apresentados ao leitor como indivíduos socialmente deslocados, pois parecem representar através de seus modos de vida o cotidiano de aventuras física e moralmente degradantes em uma sociedade que ainda determina padrões sociais.

Assim, num primeiro momento, os corpos do homem e da mulher são ficcionalizados a partir de uma visão literal, pela descrição física de feridas abertas na superfície corporal, pelas genitálias e pelo sexo selvagem, elementos que os personagens buscam explorar de forma constante ao longo do romance. Desse modo, são representados como corpos biológicos que possuem suas necessidades básicas de sobrevivência, mas que não resistem ou se limitam a essa dimensão por muito tempo, consoante observamos pela apresentação que o narrador faz de si e de sua companheira:

[...] Somos dois corpos que ainda se desvanecem a qualquer toque de amor, somos dois corpos em busca de uma felicidade canhestra mas radiosa, um toque na minha coxa pode seduzir a fera na unidade mais escura da floresta, no impenetrável reino pode rugir o coração das coisas, não não queremos nossos crânios contra a laje fria, dormiremos à deriva [...]. (NOLL, 1981, p. 15)

Na passagem supracitada, é possível pensar, num primeiro momento, o corpo dos personagens como objeto de desejo. O protagonista anuncia tanto o seu próprio corpo quanto o de sua companheira como àqueles que buscam uma felicidade em sentido paradoxal, tímida, mas radiante, como os que encontram na fúria do desejo, no contato físico corporal, a aparente saciedade da existência. São corpos que funcionam sexualmente em descaminhos, em noites de sexo que vêm sempre acompanhadas de novas oportunidades. Ao “desvanecer em toques de amor”, o corpo fala e apresenta-se como aquele que busca uma felicidade imediata no contato físico, no mesmo instante em que esta felicidade é construída pela incompletude. Pelo discurso do narrador-personagem, destaca-se o toque recebido na coxa como elemento de sedução. Esta sedução se configura como uma resposta a um corpo que deseja movimento, que está em processo de constituição de sentidos, um corpo que responde aos efeitos de estímulos sexuais, os quais não acontecem mais somente ancorados nas repressões ou regras impostas pela sociedade. Muito pelo contrário, as práticas sexuais são realizadas nas ruas, espaço de (des)territorialização em que os personagens se encontram sem a menor preocupação de esconder-se ou privar-se de suas realizações. Dessa forma, o narrador protagonista investe-se, numa acepção deleuze-guattariana, de potência, transformando o seu corpo, assim como também o corpo de Afrodite, em campo de imanência do desejo.

Nesse sentido, o protagonista masculino e sua companheira Afrodite passam a ser lidos

como corpos que assumem vontades, desejos e sonhos, que lhes permitem escapar quase que totalmente as pressões que os colocam na condição de subalternidade ou invisibilidade. Observamos que ambos os personagens vivem a constante experiência de viver em situação de rua e têm um relacionamento que, para a sociedade normativa, se configura como estranho, como o que está na desordem por não se constituir de traços conservadores, cheios de resquícios preconceituosos advindos das tradições patriarcais, como fica claro pela passagem final do excerto que diz: “não não queremos nossos crânios contra a laje fria, dormiremos à deriva” (NOLL, 1981, p.15), na qual o narrador declara a sua máxima vontade de transgressão.

Numa referência aos indivíduos em condições de subalternidade, como problematizados por Gayatri Chakravorty Spivak (2010), observamos que no romance *A fúria do corpo* os personagens mendigos passam despercebidos, assumindo uma condição de invisibilidade social por pertencerem a uma classe desprestigiada, sendo vistos como corpos marginalizados, subalternos, por perambularem nas ruas sem destino, além de viverem em circunstâncias de miserabilidade. Na definição de Spivak (2010), o subalterno é aquele pertencente “às camadas mais baixas da sociedade constituídas pelos modos específicos de exclusão dos mercados, da representação política e legal, e da possibilidade de se tornarem membros plenos no estrato social dominante” (SPIVAK, 2010, p.12). A autora indiana, de base marxista, faz sua crítica conciliada com posturas teóricas de ordem contemporânea, tais como as que suscitam referência à globalização, ao multiculturalismo, entre outras. Nessa perspectiva, as pessoas que vivem nas ruas representam, para a estudiosa, a anormalidade se comparadas àquelas que seguem uma forma de vida legitimada na sociedade, ao passo em que se tornam apenas corpos objetos de repulsa e/ou estranhamento.

Ao lançamos um olhar crítico em direção aos personagens protagonistas do romance de Noll, os veremos como figuras entorpecidas na representação de uma classe desprestigiada, quando optam por viver nas ruas. Numa sociedade capitalista, estes indivíduos não são corpos que têm importância, pois não reproduzem uma dada ordem social, tal como fixar moradia ou estabelecer relações afetivas estancas, fato que na narrativa se potencializa pelo desejo do protagonista. É ele quem deseja investir-se de potência e vencer os obstáculos ofertados pela vida nômade que ele experiencia nas ruas. Dessa forma, ele, embora vivendo em condições de subalternidade, conduz a administração de suas vontades e rompe paradigmas impostos por uma lógica capitalista.

Nessa perspectiva, tanto o narrador-personagem quanto Afrodite vivem na condição de sujeitos subalternos, porque se encontram à margem de uma sociedade que, apesar de contemporânea, ainda se configura como excludente. Contudo, vale ressaltar que, mesmo vivendo em situação de rua, o narrador-protagonista não se reduz a aceitar esta condição de subalternidade nem para si, tampouco para sua companheira, pois, ao longo da trama, ele assume um comportamento revolucionário numa permuta de atuações entre forças dominantes e dominadas. O protagonista passa, dessa forma, de um corpo excluído a um corpo povoado de intensidades, em que se configura a opção pelo excesso, pela vontade de ir além, a fim de alcançar uma territorialidade aberta, um espaço de desterritorialização em que o corpo se reafirma como expressão da potência.

Estas questões se traduzem na narrativa literária aqui em estudo, por exemplo, quando Afrodite e o seu companheiro, narrador-personagem, não reconhecem mais seus corpos em representações moralistas, monitoradas por linhas de controles sociais, de normatização. Eles são pessoas que deambulam nas ruas e não se preocupam com o fato de pertencerem a uma classe social considerada inferior e constituída por modos específicos de exclusão, se considerarmos a lógica capitalista. O que eles ficcionalizam em suas performances corporais é a

desestratificação de suas identificações pela saciedade de desejos momentâneos, transitórios, que permitem a desterritorialização³ de si mesmo, de suas subjetivações, desestabilizando aqueles poderes centralizadores e hierarquizantes. Assim, os corpos de Afrodite e do homem se fazem miseráveis e desordenados apenas na aparência física, contudo, oferecem sentidos à vida a partir da forma como eles a conduzem. Os dois personagens atuam a partir de construções subjetivas que o narrador-personagem faz de si mesmo, as quais acontecem pelo que Deleuze e Guattari (2011) consideram como pertencentes a uma relação rizomática, conforme explicaremos, na sequência.

Ao longo da narrativa literária, tudo o que fora vivenciado por esses dois personagens, desde o contato com usuários de drogas, passando pelo prazer experienciado no contato com as genitálias sujas, conflui para o entendimento de que a satisfação de ambos está no desvio à norma. Este aspecto é destacado pelo protagonista na seguinte passagem literária:

[...] Sou um desterrado pois não? Sou um asceta exposto ao riso alheio, isso sim quem sou. Mas permaneço enquanto os homens aí pensam que a razão está com eles. Não me importo não, o banquete é só meu, quem quiser entrar que entre e se dissolva nisso que não é de ninguém, só isso: porra nenhuma.

Se és mendigo, falo para o moço louro, se és mendigo de verdade te desafio a falar como mendigo, pois o que mostras na tua fala é uma ladainha de coisas ouvidas ao longo desses tristes anos de muita fala enfeitada e inofensiva, e essa fala pertence a uns poucos anos que tiveram cunha, e portanto, não és um dos mendigos que são tantos, és um charlatão e eu não entro na tua. (NOLL, 1981, p. 17)

O discurso do narrador-personagem retrata o momento em que ele mantém uma conversa consigo e questiona-se sobre o ser e não ser mendigo. Ele enxerga nas pessoas que transitam pelas ruas a aparente normalidade padrão, ao passo em que consente sua felicidade em vivenciar o “banquete” que é construir experiências nos (des)caminhos, sem fixar-se, sem criar territórios de origem para si e para as experiências desejanças de seu corpo. Este aspecto endossa a nossa leitura de que o personagem atua no submundo dos marginalizados, principalmente quando se reconhece como o indivíduo de circulação, o qual não deseja se submeter a padrões de fixação. Ele admite o seu deslocamento em relação ao mundo em que vive e cria um questionamento que entra em contraponto com o comportamento de outros personagens, os quais também transitam pelas ruas e representam a lógica da racionalidade e do capitalismo.

Tal deslocamento, de maneira subjetiva, direciona o narrador-protagonista para um estado que pode ser compreendido como o da loucura, no qual ele - o personagem- é questionado pelo enunciar de suas verdades, pelo fato de entrar em contradição com as ações dos demais transeuntes com os quais se depara ao longo de sua jornada. Neste espaço, considerado como da insanidade, é que ele acaba sendo exposto ao “riso alheio”, desviando-se de situações padrões e apresentando-se como um desterrado. Ademais, ele aparece ao leitor como o reflexo de um sujeito que está “exposto ao riso alheio” e como alguém “desterrado”, porque o desejo de experienciar situações, de desterritorializar-se, de assumir, ao longo do romance, que não há dono de ninguém e de nenhum corpo no mundo, é pulsante nele. A

³ Termo discutido por Deleuze e Guattari para explicitar uma ruptura de vínculos dos territórios de desejos individuais e coletivos.

exposição ao “riso alheio” e o “desterramento” do personagem são consequências, então, do fato de ele não se render à autoridade dos comportamentos socialmente legitimados, assumindo modos de ser singulares, que se constituem pela potência dos desejos. Para compreendermos melhor o que ocorre ao personagem do romance de Noll, evocamos o que diz Deleuze em *Crítica e clínica* (1997). Endossado pelo discurso de Spinoza, o filósofo observa que o corpo é entendido como intensidade, como campo de imanência do desejo que acontece em puro devir, desterritorializando-se por linhas de fuga, processo que nos permite problematizar a constituição das subjetividades. Nesse ínterim faz-se pertinente pensar que as discussões sobre o corpo se tornam relevantes também quando se trata da construção das identidades e dos aspectos subjetivos que a compõem.

Assim como Deleuze e Guattari (2011) concebem a construção das identidades, o corpo também acontece como um rizoma num permanente processo de (re)significação que não se limita ao fato de ser interpretado numa condição somente de produto/objeto. O conceito de rizoma pode ser associado à compreensão de que: “[...] Num livro, como em qualquer coisa, há linhas de segmentaridade, estratos, territorialidades, mas também linhas de fuga, movimentos de desterritorialização e desestratificação [...]” (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 18). Dessa maneira, pensar rizomaticamente é produzir também deslocamentos, (re)territorializações, (des)territorializações dentro de um processo em que são perceptíveis os devires, as diversas possibilidades de agenciamentos e conexões. Tais deslocamentos não são, entretanto, problematizados pelos filósofos como reprodução externa do tipo arborescente, mas como conexões entre pontos quaisquer que, não necessariamente, remetem a mesma natureza. Assim sendo, o rizoma é “[...] um sistema acentrado não hierárquico e não significante, sem General, sem memória organizadora ou autômato central, unicamente definido por uma circulação de estados” (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 43).

O rizoma é, por este ângulo, aberto às experimentações, ao passo em que é sempre atravessado por outras linhas que o percorrem, acoplamentos descobertos na conexão consigo mesmo e com o outro. Nessa acepção teórica, o olhar filosófico de Deleuze e Guattari instaura novos modos de compreender o mundo e suas implicações na organização do conhecimento rizomático. Significa dizer que o rizoma não é constituído de unidade, mas de multiplicidades, ou seja, não possui a homogeneidade como princípio de sua matéria.

Numa relação com a figura do rizoma, as experiências de vida são pensadas, ao contrário, sob a ótica do devir⁴ em que as identidades se tornam desdobráveis, não fixadas, fluidas, com possibilidades de conexões diversas. Isto é possível porque ao observarmos as próprias normas e comportamentos humanos percebemos que eles não se sustentam na linearidade e na fixação, pois é inevitável encontrar fortes ritualizações de rupturas, de crises, de descontinuidades, que se conectam umas com as outras em processos de agenciamentos, os quais acontecem em conjuntos de relações estabelecidas entre o sujeito e o mundo.

A *fúria do corpo* pode ser criticamente lida numa relação com a discussão filosófica supracitada, pois a constituição identitária dos protagonistas do romance, por exemplo, ocorre por meio de um processo de desterritorialização e/ou reterritorialização, através das linhas de fuga, as quais são responsáveis por possibilitar ao sujeito a criação de conexões com o fora, com a exterioridade, fazendo-o escapar daquelas formas de experiência totalmente prontas. Este fato nos proporciona pensar nas relações rizomáticas existentes em nosso objeto de estudo, ao olharmos pelo viés analítico de que a literatura é um agenciamento coletivo e está do lado do

⁴ Termo discutido por Deleuze e Guattari para tratar os agenciamentos possíveis de acontecimentos no processo de mutabilidade das coisas. Não é imitação, mas antes de tudo, o conteúdo dos desejos, das (des) (re) territorializações.

inacabamento. Outrossim, ela nos possibilita realizar conexões a-significantes, pois a própria escrita é, segundo Deleuze, inseparável do devir, já que não se configura como imitação, mímese, mas como produtora das zonas de vizinhança, dos desvios que nos levam às subjetividades. Neste sentido, é pertinente destacar que os personagens de Noll, na obra citada, são apresentados ao leitor a partir de identificações rizomáticas, como seres com subjetivações múltiplas, sujeitos construídos a partir de agenciamentos, de deslocamentos, tanto geográficos, como psicológicos e socioculturais. Estes aspectos nos permitem fazer associações rizomáticas, na obra literária em estudo, tanto do protagonista consigo mesmo, quanto com outros personagens que aparecem ao longo do romance.

Ainda dentro da mesma acepção filosófica e numa associação com a imagem do rizoma, poderíamos pensar a representação dos personagens por uma desautomatização do corpo, como defendida por Deleuze e Guattari na problematização de uma experiência relacionada a constituição de um Corpo sem Órgãos - CsO. Para que esta última noção fique inteiramente clara, é preciso considerar que os filósofos supracitados discorrem a respeito dessa questão estabelecendo um contraponto com a compreensão do que é um corpo enquanto organismo. Para eles, esse corpo funciona a partir de três grandes estratos responsáveis por estabelecer uma ordem, um funcionamento padrão. O estrato do organismo tem a função de instituir uma forma hierarquizante, determinando funções e é seguido pelos estratos da significância, pelo qual se atribui ao corpo um sentido e uma interpretação; por último, o estrato da subjetivação que fixaria o sujeito numa identidade prévia.

Contudo, a construção de um CsO passa, então, necessariamente pela retirada desses estratos que servem para impedir o sujeito de se efetivar como potência: “O CsO é o que resta quando tudo foi retirado. E o que se retira é justamente o fantasma, o conjunto de significâncias e subjetivações” (DELEUZE; GUATTARI, 2012a, p. 14). A lógica do CsO é a da experimentação e não somente da interpretação, é a (des)construção das possibilidades, das desterritorializações e reterritorializações que podem acontecer de um lugar para outro, assim como de um corpo a outro. Nessa perspectiva, Deleuze e Guattari (2011b) se apropriam inicialmente dos posicionamentos de Antonin Artaud sobre o CsO para assim pontuar discussões que rompem com a soberania e o poder centralizador que impera sobre os sujeitos, de um corpo sobre outro. Dessa maneira, o CsO, para os filósofos franceses, representa a descentralização, a experiência, o não-aprisionamento, ao passo em que suscita uma perspectiva que se opõe a do corpo cartesiano, abandonando os automatismos e o consentindo como uma prática e não como uma noção.

Efetivamente para Deleuze e Guattari (2012a), o CsO produz e reproduz a si mesmo, ao passo em que floresce e se estende ao universo numa relação de rizoma. Nesta perspectiva, o CsO é o que se opõe a organização dos órgãos, é o que, numa relação meticulosa, se instala nos estratos e permite as oportunidades de movimentos, as conexões de desejos, um *continuum* de intensidades. Destarte, o CsO funciona a partir do desmonte de integridades maquinicas, para que assim se conecte novamente a outras máquinas no processo de produção das experimentações não previstas, porém possíveis de acontecimentos. Em suma, o CsO é o corpo esvaziado que substitui a interpretação pela experimentação, a *anamnese* pelo esquecimento.

Numa referência ao nosso objeto de estudo, destacamos que *A fúria do corpo* é construída a partir de ideais abstratas, mesmo tendo sido produzida em um período em que a realidade hospedava ainda a necessidade de criar conceitos e enquadramentos. Ao cruzarem suas vidas, um homem sem nome e uma mulher vivem nas ruas em direção ao nada, partindo do que é aleatório para escapar daquilo que possa se estabelecer como rotina. Por esta lógica, os sentidos

de *rizoma* e de CsO no romance são representados especialmente pelo casal protagonista que vive um relacionamento afetivo distanciados daquele que segue as normativas estabelecidas de maneira convencional pela sociedade. O distanciamento de padrões aqui mencionado se potencializa em decorrência de uma situação social desprestigiada, visto que os personagens aparecem em um contexto de mendicância. São seres que não têm casa, nem comida, não tem ambiente, nem identificações fixas, conforme notamos na representação da narrativa literária:

[...] aqui estamos nós dois na Rua de Copacabana, sem um puto tostão na algibeira, sem cama, sem comida, olhando os transeuntes como quem não pode mais entrar no jogo inútil, isso dá as primeiras varizes em Afrodite, as primeiras sérias vertigens em mim - nesses momentos me apoio em Afrodite como se apoiasse no meu tronco ancestral, fica tudo cinza, a força me escapa, monstros marinhos convivem com as ruas [...]. (NOLL, 1981, p. 13)

A narrativa acima representa a vivência de Afrodite e João Evangelista nas ruas. Para o narrador-personagem, Afrodite e ele se encontram em circunstâncias de sujeitos marginalizados, por diversos fatores, dentre os quais está o de não possuírem as condições básicas para sobrevivência e sustento do corpo físico, como alimentação e o aparente conforto de uma residência estável. Entretanto, ele assume que carrega em si o desejo de um fluxo de vida que existirá somente naquele ambiente de transitoriedade constituído pelas ruas. Vai ficando claro para nós, ao longo do romance, que os personagens parecem encontrar nas ruas estranhas camadas rizomáticas que não lhes possibilitam fixar raízes por aqueles lugares, nem tão pouco render-se a uma condição de subalternidade.

O narrador parece sentir-se, em um primeiro momento, incomodado por não voltar a uma raiz, porém não deseja encontrar uma saída para estar no que ele considera um “jogo inútil”, quando observa os transeuntes e seus modos de vida, pois a todo o momento eles saem da aparente estabilidade e passam a realizar experiências em outros lugares, com outros corpos, sem retirar destes a mais vaga recordação para a(s) sua(s) construção(ões) identitária(s). Eles se encontram nas ruas de Copacabana sem vinculação alguma ao espaço físico e aos que ali transitam. Não possuem dinheiro, casa, apenas passam por lá sem destino e sem o desejo de adentrar no jogo inútil que representa a normalidade para as instituições capitalistas. Os dois são vistos como marginais diante daquilo que se apresenta como composição da racionalidade. Contudo, o que eles desejam está para além daquilo que vivenciam no espaço reduzido em que se encontram.

Nessa lógica, os personagens do romance *A fúria do corpo* podem ter suas identificações problematizadas, também, a partir do que Michel Maffesoli (2001) denomina por "sede do infinito" e do “desejo de outro lugar”, já que a todo instante se distanciam de vivências que os prendem ao passado e fluem em suas andanças experimentando relações sexuais com homens, mulheres, jovens e adolescentes que encontram pelo caminho percorrido. Eles possuem o desejo do que não possui um fim, do instante imediato. O que os movimenta é uma mobilidade infinita, conforme notamos na cena abaixo:

[...] e eu caminho sem calcular onde possa dar, meu destino é andar, cumpro o meu como vocês os seus [...] caminho, caminho, o novo ânimo é meu único itinerário [...] Por onde andei tão lento que nem percebi? Vou até a rua de Copacabana, entro na Atlântica, vou, vou, vou[...]. (NOLL, 1981, p. 55)

Os personagens caminham em Copacabana sem se preocupar com o destino ou ponto de chegada. O que eles querem é um desprendimento em relação ao lugar em que estão e ao passado que vivenciaram. Esse desprendimento dos personagens em relação ao passado pode ser mencionado aqui a partir de associações com a ideia de memória curta, a qual Deleuze destaca em *Crítica e clínica* (1997), assim como também no primeiro volume de *Mil Platôs*, em uma discussão junto a Guattari. Para os filósofos, a ideia de memória, tal qual a do rizoma, dispensa a perspectiva arqueológica ou de enraizamento propagados pela psicanálise, ao passo que defendem uma concepção de cartografia, sobretudo, porque esta aparece como desencaixes em construção e não como árvore genealógica. Para Deleuze (1997),

Uma concepção cartográfica é muito distinta da concepção arqueológica da psicanálise. Esta última vincula profundamente o inconsciente à memória; é uma concepção memorial comemorativa ou monumental, que incide sobre pessoas e objetos, sendo os meios apenas terrenos capazes de conservá-los, identificá-los, autenticá-los. Desse ponto de vista, a superposição das camadas é necessariamente atravessada por uma flecha que vai de cima para baixo, e trata-se sempre de afundar-se. Os mapas, ao contrário, se superpõem de tal maneira que cada um encontra no seguinte um remanejamento, em vez de encontrar nos precedentes uma origem: de um mapa a outro, não se trata da busca de uma origem, mas de uma avaliação dos *deslocamentos*. (DELEUZE, 1997, p. 75)

Nesta perspectiva de cartografia, Deleuze considera que a memória curta não problematiza a origem, ou enraizamento do sujeito. Contudo, o que se pretende é a prática da experiência dos deslocamentos que vão de um ponto a outro do mapa, em um processo descontínuo. Desse modo, uma concepção de memória cartográfica compreende aberturas, devires, movimentos contínuos que não obedecem a uma logística de tempo cronológico, mas sim a uma movimentação rizomática e não linear da temporalidade. Estas propostas, como postula Deleuze (1997), estão associadas às noções de *memória curta* e *memória longa*, haja vista a primeira delas corresponder à imagem do rizoma, enquanto a segunda à árvore genealógica.

Dito isto, destacamos que os personagens protagonistas de *A fúria do corpo* vivem a intensidade das experiências atravessados pelo ponto de vista da memória curta, em contraponto com a memória longa, a partir de uma relação cartográfica. Vejamos uma passagem do romance em que o narrador fala de um relacionamento afetivo que teve com um garoto nas ruas:

[...] o menino estava morto na casa da polícia e a sua morte foi coisa de polícia - mas não, não quero lembrar, que a lembrança permaneça num limbo qualquer, eu não conheci menino nenhum, e o menino existiu? - meu êxtase com o menino é um sonho coagulado no passado, sou apenas eu nesse momento e preciso andar, continuar andando e não tenho documentos, dinheiro, sou apenas esses passos apressados agora pela Copacabana em direção nenhuma, não me perguntem, nada me diz respeito, sou fulano, sicrano, beltrano, ninguém. Eu vou. (NOLL, 1981, p. 56)

O discurso do protagonista é, para nós, associado aqui à memória curta, visto que sua caminhada é submetida a uma relação de continuidade e não de retorno. O personagem, como observamos, rememora rapidamente o relacionamento que tivera com o menino sem o desejo de estabelecer relações de fixação arbórea, mas de ruptura e mutabilidade. Ele pensa a relação afetiva entre os dois apenas como momentânea, ao passo em que prefere que todas as lembranças estejam situadas num “limbo” qualquer. Ou seja, lembranças que estão inseridas nas indecisões, nas incertezas, as quais causam a sua indefinição enquanto sujeito.

Dito isto, percebe-se a marcação de um tempo e de um sujeito de vivências que não deseja ser outra coisa, além daquele indivíduo das experiências corporais, sexuais, transitórias, ainda que carregadas de intensidades. O que ora se evidencia é que o personagem-protagonista experiencia, também do ponto de vista da memória curta, uma condição de descontinuidade, sem saber de onde se origina, nem quem ele é, porque “a memória curta compreende o esquecimento como processo” (DELEUZE, 2011, p. 35).

Certamente, o narrador-personagem deseja esquecer que conheceu o menino e que tivera qualquer relação com ele para não sair do plano das indecisões. Para ele, a lembrança do que vivenciara com o garoto pode ser qualquer coisa, exceto o que lhe prenda ao passado. Este fato sugere, em *A fúria do corpo*, uma estratégia do narrador para ir livrando-se de culpas que poderiam chegar até ele e aprisioná-lo de qualquer forma, o que conseqüentemente o impediria de continuar sua trajetória de andante. O fato de o menino ter sido morto e passar a ser “caso de polícia” poderia inclusive colocar o homem na situação de prisioneiro e, portanto, de obediência a um controle social que o conduziria às representações do passado e a um controle indesejado das ações de seu corpo.

Em vista disso, o personagem rompe supostamente a linearidade dos acontecimentos transitando entre esquecimentos propositais, ao passo em que anuncia aspectos do presente ao fazer breve referência ao passado. Este comportamento do narrador-personagem para as instituições como a igreja, o Estado e a família tradicional é visto como transviamento das normas estabelecidas, já que essas instituições operam como sistemas centrados numa relação com a memória longa. Isso porque os sistemas arborescentes atuam numa espécie de hierarquia que comportam os sistemas de organização.

A memória curta, dessa forma, atua como uma multiplicidade de produções que não se sustenta numa concepção retilínea de ações. Na verdade, o que passa a existir na concepção deleuziana sobre a memória é um emaranhado de fluxos que permeia a desordem dos acontecimentos no espaço físico-temporal. No que se refere ao protagonista do romance em estudo, ele organiza seu discurso abordando movimentos que se configuram como anti-lineares e rizomáticos, ao passo em que evoca uma discussão provocada por Bergson e também observada por Deleuze, que é a duração.

A duração faz com que o tempo abandone a linearidade e aproxime-se das intensidades, das experiências que avançam em outras trajetórias numa relação de multiplicidades. A partir do pressuposto filosófico de Bergson de que o tempo é a duração dos acontecimentos, Deleuze (2011) discute esta questão como um desdobramento da memória enquanto multiplicidade, observando que nela não há uma relação de linearidade dos fatos. É nesse sentido que percebemos que as ações do protagonista de *A fúria do corpo* são baseadas numa falta de sucessão, numa ausência de linearidade da memória, das experiências subjetivas com o corpo, pois o passado e o presente coexistem de modo que os dois tempos se fundem de maneira heterogênea.

Ainda que estes personagens possam ser despotencializados pelos mecanismos de poder,

tomados por uma ótica capitalista como corpos que não servem, justamente por não estarem preocupados com horários, mercadorias, rótulos, prazos, na condição de CsO são carregados de potência, porque não se deixam fixar por uma rotina estratificada, preferindo investir num permanente processo de nomadização, conforme notamos na seguinte passagem literária:

[...] E eu caminho sem calcular onde possa dar, meu destino é andar, cumpro o meu como vocês os seus, na esquina da Copacabana com Santa Clara o trânsito sofre impasse, não avança, nem recua, buzinas estrondam, pessoas param e comentam, eu me integro no burburinho e me dirijo a uma mulher assim com a cabeça e ela me responde assim com a cabeça, e continuo a caminhar [...] vou caminhando e as pessoas pouco a pouco desertam as ruas, as calçadas começam a secar, vejo as estrelas ao fundo da Xavier da Silveira sobre o mar, a lua nova, caminho, caminho, o novo ânimo é meu único itinerário [...]. (NOLL, 1981, p. 55)

Como representado no romance, o personagem não está preocupado com horários ou ordens porque ele próprio parece não querer se guiar por essa preocupação. Ele utiliza-se de estratégias textuais, discursivas, tais como a utilização de verbos que carregam em sua estrutura marcas semânticas de transitoriedade, para assim assumir a sua condição de errância. Além disso, demonstra que é diante do mundo que ele sente o ânimo para que renasça novamente em si o desejo de estar em outro lugar, de relacionar-se com outros corpos.

De diversas maneiras, ele manifesta o não desejo de aderir a valores comuns, preferindo o devir, impregnado no mundo e no sujeito, que não permite limitações nas formas de ser e experimentar o seu corpo. Diante deste fato, destacamos que os personagens da obra em estudo experienciam em sua trajetória de sujeito errante o contato com espaços que possibilitam os cortes, os desvios. Sobre o contato com determinados espaços, Foucault (2013) esclarece que são “rupturas da vida ordinária, imaginários, representações polifônicas da vida [...]” (FOUCAULT, 2013, p.38).

Conforme mencionamos acima, quando aludimos à condição de miserabilidade vivenciada pelos personagens da narrativa analisada, as instituições afirmam que aparentemente há uma falta de potência nos corpos dos sujeitos que vivem em situação de rua, pelo fato de eles serem formados a partir de uma construção sociocultural como corpos que “nada são”, “nada podem”, nada significam. Contudo, a obra literária nos autoriza a fazer outra leitura dos protagonistas que circundam na narrativa do autor gaúcho, contrariando estas normas instituídas pelas relações de poder mencionadas por Foucault (1979). O protagonista é resistente a estas normas que se direcionam à forma, à organização e à disciplina, conforme notamos na seguinte passagem literária: “[...] Não adianta o Vaticano e sua corja virem com seu ouro e suas púrpuras cardinalícias e seus turíbulos e seus incensos e ostensórios cravejados porque nós somos a teologia da libertação e não abrimos” (NOLL, 1981,p.110).

Pelo discurso do narrador-personagem, o vaticano representa a instituição da ordem que se impõe como soberana diante da sociedade. Ela é entendida como a que tem o poder de silenciar os desejos dos homens porque apresenta um discurso de verdade absoluta. Para o personagem do romance de Noll, aderir a essa ordem imposta é algo impossível, pois o que ele deseja é vivenciar a libertação aos mecanismos de controle. As vestimentas tradicionais, o ouro e todos os acessórios que operam em consonância com a ordem são para João Evangelista elementos dispensáveis, porque ele os considera como ilusão que pode pressioná-lo à estabilidade fixa e identitária.

O que ora se percebe é que os personagens são seres que vivem os conflitos transitórios, não somente no espaço físico, mas na própria metáfora do sujeito que desafia o corpo físico, a (re)construção identitária, ora a partir de uma nova identificação através do nome ora a partir de identidades conflituosas, tais como as representadas na seguinte passagem da narrativa literária:

Não me pergunte, pois idade, estado civil, local de nascimento, filiação, pegadas do passado, nada, passado não, nome também: não. Sexo, o meu sexo sim: o meu sexo está livre de qualquer ofensa, e é com ele-só-ele que abrirei caminho entre eu e tu, aqui. Mas se quiser pode me chamar de Arbusto, Carne Tatuada, Vento. O que não vou te declarar é o nome e todos os dados que me confrangem a uma certidão que além de me embalsamar num cidadão que desconheço servirá de pista a esse algoz (imperceptível de tão entranhado nas nossas já tão fracas presenças). (NOLL, 1981, p. 9)

Ao longo do romance, o narrador-protagonista se exhibe como aquele que, em suas andanças, desestratifica a sua identificação, ao passo em que atua como o indivíduo que se diferencia dos demais, representando uma espécie de desordem, se considerarmos o que propõem Deleuze e Guattari (2011a) quando se referem à condição de organismo. Como notamos, o personagem prefere ser chamado de “Carne tatuada”, “Arbusto”, “Vento”, elementos que já trazem em sua acepção semântica a ideia de “transgressão” e de transição. São elementos que sugerem a transitoriedade e a diferença em relação a valores comuns.

Na passagem supracitada da narrativa, o personagem protagonista continua a deambular sem destino incerto, sem desejar dar um nome a si mesmo, sem identificar-se, sem assumir identidade(s) fixada(s). Nesse sentido, ele confronta a ideia de organização através da errância que, por sua vez, está relacionada na narrativa com a multiplicidade de vivências e experiências corporais - de Afrodite e do narrador -, as quais não cessam, nem os satisfazem. Pelo contrário, acontecem como uma espécie de resposta ao que não é considerado por eles aprazível no momento.

Para o narrador-personagem dar para si um nome seria embalsamá-lo no que para ele é considerado banal. O seu comportamento neste ponto da narrativa literária possibilita-nos fazer uma aproximação teórica com o que diz Hall (2006). Para o estudioso, as sociedades modernas são, “por definição, sociedades de mudança constante, rápida e permanente” (HALL, 2006, p. 14). Além disso, o estudioso acrescenta que esse momento traz consigo mudanças rápidas, assim como possibilita experiências de reflexão sobre a vida. É isso que o homem representa no romance. Ele faz uma aclamação ao leitor para que não lhe pergunte nada que o faça referenciar ao passado, visto que lembrar este momento seria fixar raízes, reconhecer identidades, oferecer sobre si referências não desejadas por ele.

Ao traçar diálogos com a narrativa é possível ao leitor inferir uma leitura sobre o narrador-personagem desde as primeiras linhas do romance, como o sujeito rizomático que nega sua identificação, fato que cria possibilidades de leitura sobre o que possam significar os nomes dados pelo protagonista a si mesmo e a Afrodite. Este aspecto contribui para que os tomemos nessa discussão como sujeitos não cerceados por uma fixação identitária, tampouco por aprofundamentos, mas como corpos carregados de intensidades, corpos em plena imanência dos desejos.

A respeito de uma cognominação dos personagens ao longo da trama, observamos que a

mulher é batizada como Afrodite, quando o personagem nomeado, momentaneamente, João Evangelista a menciona como sua companheira. Na passagem que segue, percebemos o momento em que a nomenclatura/identificação é feita:

[...] um nome enfim, que não outorga um registro pessoal, um nome, um simples nome que adere aos que precisam de um nome, aos que perderam o seu, o nome do passado civil não, este lembra a mulher submersa ainda - mas ela também não gosta que se fale do passado, nisso nos confluímos, os dois, temos juntos um curso que começa aqui, nesse exato instante em que ponho a mão sobre a cabeça desta mulher e a consagro com o novo nome: AFRODITE. (NOLL, 1981, p. 13)

Conforme se percebe, o narrador-personagem dá à sua companheira um nome que aparenta não ser aquele teoricamente registrado de maneira oficial, legitimado pela instituição estatal, como se revelassem por essa feita o desejo de não se enquadrarem na condição de um corpo como imagem de organismo. Afrodite, nome dado por João Evangelista a sua companheira de rua, é apresentada por ele como aquela que não deseja lembrar o passado da mulher que a constituía outrora, ou mesmo de sua biografia. Antes aponta para um (re)começo, uma nova vida, fato que traduz o rompimento com um modelo organizado, o que, numa associação com a teoria de Deleuze e Guattari (2012a), levaria a uma interpretação da personagem associada com o universo de um CsO.

O próprio nome de Afrodite já nos conduz a esta imagem de um CsO. Este nome pode ser pensado de forma rizomática, numa relação com a personagem da mitologia grega de nome semelhante. Afrodite, para os gregos, era considerada a deusa do amor, do sexo, da beleza. Sua história de nascimento surge de uma forma incomum, da qual decorrem várias versões em relação à sua origem. Na versão contada por Hesíodo, ela nasceu após o deus *Cronos* ter cortado os órgãos de Urano, pai de Afrodite, e tê-los lançado ao mar. Por esta feita, o corpo de Urano representaria na mitologia grega o corpo sem utilidade, haja vista que não seria possível o acontecimento da fertilização. Contudo, a partir desta ação de *Cronos*, formou-se uma espuma branca, a qual deu origem à deusa que já carrega desde o nascimento, a nosso ver, as marcas do que Deleuze e Guattari, em suas proposições filosóficas gerais, denominam de CsO. Esta associação à teoria filosófica é possível porque a origem da deusa grega representa a imagem da desordem pelo fato de não ter nascido a partir de uma relação entre os sexos masculino e feminino, mas da fusão entre o órgão genital e a água. Este fato foge ao padrão de um corpo que funciona enquanto organismo e passa a funcionar como uma relação de CsO.

Deste aspecto da mitologia é possível fazer uma leitura para a escolha do nome da personagem Afrodite em *A fúria do corpo*. Neste caso, ambas as personagens já traduzem em seu (re)nascimento um aspecto que não as fixam em formas comuns da existência, tendo em vista que transgridem a natureza comum e obrigatória das relações de filialidade. Elas são as representações da fusão que transborda, da multiplicidade, do desejo enquanto produção, de um CsO que “reproduz a si próprio, floresce e se estende até os confins do universo” (DELEUZE; GUATTARI, 2011b, p. 23).

Uma segunda leitura possível para a escolha do nome Afrodite pode ser realizada quando retomamos uma relação sexual de Afrodite, personagem da mitologia grega, com Hermes, o deus mensageiro. Deste casamento surge o filho, Hermafrodito, que representa a fusão entre os dois sexos, o masculino e o feminino. Dito isto, é notadamente válido destacar

que os hermafroditas, numa visão conservadora, seriam a representação do que mereceria castigo, ou mesmo a exclusão da sociedade pelo fato de serem considerados como aqueles que escapam às normas institucionais. Este aspecto nos faz pensar no que sugere a personagem Afrodite de *A fúria do corpo*, configurando-se como uma prostituta de rua e não aderindo aos estratos de controle. Dessa forma, ela também estaria na condição daquele que merecia castigo numa ótica conservadora. O comportamento desta personagem nos põe diante ainda do que Deleuze (1992) discute sobre a questão da (in)definição de nomes ou identidades. Para o filósofo:

[...] O problema não é ser isto ou aquilo no homem, mas antes o de devir inumano [...] desfazer a organização humana do corpo, atravessar tal ou qual zona de intensidade do corpo, cada um descobrindo as suas próprias zonas, e os grupos, as populações, as espécies que o habitam. (DELEUZE, 1992, p. 21)

O que o filósofo nos adverte é que não se pode falar em forças controladoras de ser um e ser outro, ser homem ou mulher, por exemplo, mas sim de uma desorganização que atravessa as zonas de intensidades dos corpos que renunciam às forças legitimadoras e reguladoras das identidades que compõem os sujeitos. Desse modo, o nome de Afrodite, escolhido pelo narrador, não é mera representação institucional, é antes de tudo um passo para a construção da identidade da personagem ao longo do romance. É um nome que rejeita normas e estabilidades pelas associações que podemos fazer a ele.

Ainda sobre este aspecto da nomenclatura de Afrodite, observemos que na mitologia as festas para cultuar a deusa grega eram realizadas por prostitutas que faziam um ritual de adoração. Neste ritual estava presente a prática sexual entre elas, da qual se originou o nome Afrodisiaco. Em nosso objeto de estudo, Afrodite é representada como uma prostituta que ganha a admiração de quem frequenta o “inferninho”, boate onde ela realiza seus shows. Dito isto, notamos que num agenciamento como a mitologia grega, a personagem Afrodite do romance de Noll pode ser lida mais uma vez a partir de uma associação subjetiva com a ideia de um CsO, tendo em vista que ela intensifica os seus desejos a partir das relações sexuais que possui com os vários parceiros.

O nome dado a ela pelo narrador-personagem não parece representar, para eles, nada além de uma nomenclatura comum que aparentemente os prenderia a uma fixação. Contudo, o que acentuamos é que a escolha deste nome nos revela muito do que constitui a formação identitária de ambos os personagens. Deste fato, destacamos que as nomenclaturas atuam como forças que movimentam e motivam o rizoma de que se constituem as identidades da personagem feminina. Para utilizarmos as palavras de Deleuze (1992), destacamos que: “os nomes próprios designam acontecimentos, movimentos e motivações, ventos, tufões, doenças, lugares e momentos, muito antes de designar pessoas” (DELEUZE, 1992, p. 48). Nesse sentido, o nome seria uma forma de se construir relações rizomáticas e abrir espaço para as subjetividades que constituem o ser dos personagens ao longo de suas andanças. Apesar da miséria em que se encontram, eles buscam o sentido da vida a partir da prática sexual não convencionalizada, de momentos de desespero, da fúria do sexo, de experiências corporais e de relações que aparentemente não possibilitam nada mais que o prazer momentâneo, fatos que nos são revelados, também, a partir das nomenclaturas dadas a eles.

Como vemos, a cognominação dos personagens não nos permite reduzi-los a uma identificação estigmatizada. Ela representa os fragmentos de suas identidades em “desespero”,

na indecisão, no desejo de ser errante, conforme se nota na seguinte passagem da narrativa literária:

O meu nome não. Vivo nas ruas de um tempo onde dar o nome é fornecer suspeita. A quem? Não me queira ingênuo: nome de ninguém não. Me chame como quiser, fui consagrado João Evangelista, não que o meu nome seja João, absolutamente, não sei quando nasci, nada, mas se quiser o meu nome, busque na lembrança o que de mais instável lhe ocorrer. O meu nome de hoje poderá não me reconhecer amanhã. Não soldo portanto à minha cara um nome preciso. João Evangelista diz que as naves do Fim transportarão não identidades, mas o único corpo impregnado do um. (NOLL, 1981, p. 9)

O sujeito representado na passagem literária do romance é como vimos o que não tem nome e que proclama o desejo de não assumir essa identificação, preferindo, na verdade, ser múltiplo, indefinido, errante. O João Evangelista declara que consagraram a ele este nome, mas que tal identificação não o reconhecerá em um futuro próximo, visto que, ao longo da sua trajetória errante, poderão surgir outros nomes que irão representá-lo momentaneamente. Este destaque nos admite afirmar que o personagem-protagonista também é projetado como um CsO, numa evocação a ideia de uma memória curta traduzida pela imagem do rizoma.

Essas associações com as noções deleuzeguattarianas ficam evidenciadas ainda, na passagem supracitada, quando o personagem anuncia também que não sabe o local de origem do seu nascimento e, logo em seguida, solicita ao leitor que possa trazer somente à lembrança o que de mais instável lhe ocorrer sobre ele. Assim sendo, o discurso do protagonista parece estar distante do que Deleuze e Guattari (2011a) discutem como memória longa, pois a constituição identitária do personagem não está relacionada a um sistema centrado e hierárquico. Ele não deseja estar preso à família, raça, nome ou sociedade alguma. Muito pelo contrário, o pensamento dele acontece num processo de descontinuidade, de um devir memória que os filósofos associam como acontecimento de um processo rizomático.

Outrossim, o personagem não apenas não fornece identidade(s) através do nome, como também não sabe nada de seu nascimento. Ele deambula nas ruas, no espaço de peregrinação onde essa identificação nominal tem pouca ou nenhuma importância para aqueles que transitam por ali. Nessa perspectiva, seria possível pensar a identificação rizomática dos personagens a partir do que Bauman (2005) discute associado à metáfora da liquidez. O homem é, na visão do estudioso, fruto do líquido mundo moderno, o qual passa por contínuas e múltiplas transformações. Nas palavras desse estudioso das identidades contemporâneas: “Com o mundo se movendo em alta velocidade e em constante aceleração, você não pode mais confiar na pretensa utilidade dessas estruturas de referência com base na sua suposta durabilidade (para não dizer atemporalidade)” (BAUMAN, 2005, pp. 32-33). Em outras palavras, tudo acontece a partir de movimentações que não cessam, uma vez que construímos nossas referências de modo a contemplar a velocidade e a mutabilidade das coisas, pois o que aparenta ser hoje poderá não ser nada amanhã.

Como vimos, os personagens de *A fúria do corpo* são descritos como pessoas de identidades esfaceladas, desde a identificação nominal. Ao longo da narrativa não são dadas a eles identificações convencionais, porém são feitas referências tais como a utilização de expressões como: *essa mulher*, *esse homem*, ainda que também sejam chamados de Afrodite e João Evangelista. Nesse aspecto, observamos que os personagens passam por processos de desterritorialização de suas identidades e se encontram numa zona de forças ativas e reativas em

que o múltiplo é quem prevalece. O narrador-personagem se rende aos impulsos momentâneos da vida, sem deixar que estes lhe despertem consequências capazes de impedir novos períodos de prazer. Ele representa, portanto, o indivíduo que pode fazer suas escolhas em plena liberdade, aquele que não leva em consideração somente as inferências feitas pelo outro.

Em uma perspectiva mais geral, a territorialidade da rua, na qual os personagens perambulam e adentram pelos becos e vielas, proporciona a eles a percepção de um conjunto de possibilidades até então não vivenciadas, sempre com a possibilidade de se apresentar como novidade. O simples fato de os personagens serem andarilhos e de, aparentemente, estarem numa condição de subalternos, por serem mendigos, potencializa a relação de suas identidades com a ideia de CsO. A eles é oferecida, além de outros aspectos, a experimentação das emoções, a posse momentânea dos corpos uns dos outros, visto que eles mantêm relacionamentos sexuais que os fazem sentir-se revigorados por experimentarem situações singulares.

Nesse sentido, os personagens atuam como corpos dotados de potência, uma vez que produzem sua própria resistência na rede de relações em que se encontram representados na imagem da inquietação, da descontinuidade, do ir e vir sem momento de chegada. São indivíduos insatisfeitos com a monotonia da vida e que encontram no deslocamento do seu lugar comum o prazer momentâneo. São nômades que passam por processos de fragilidades, transitoriedades entre os espaços e acontecimentos da vida pelos quais vagam. Eles estão imersos em não-lugares, desterritorializados, desapegados de suas raízes nacionais e identitárias, imersos em subjetividades peculiares, portanto.

Referências

- BAUMAN, Z. *Identidade*. Entrevista a Benedetto Vecchi. Trad. bras. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.
- BÍBLIA, Português. *Bíblia Sagrada*. Trad. Ivo Storniolo e Euclides Martins Balancin. São Paulo: Paulus, 1991.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia* (Vol. 1). 2 ed. Trad. Ana Lúcia de Oliveira; Aurélio Guerra Neto; Celio Pinto Costa. São Paulo: Editora 34, 2011a.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia* (Vol. 2). 2 ed. Trad. Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. São Paulo: Editora 34, 2011b.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia* (Vol. 5). 2 ed. Trad. Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. São Paulo: Editora 34, 2012a.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia* (Vol. 3). 2 ed. Trad. Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Cláudia Leão e Suely Rolnik. São Paulo: Editora 34, 2012b.
- DELEUZE, G. *Crítica e clínica*. Trad. Peter Pál Pelbart. São Paulo: 1997.
- DELEUZE, G. *Conversações*. Trad. Peter Pál Pelbart. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.
- FOUCAULT, M. *História da Sexualidade 2: O uso dos Prazeres*. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.
- FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de

Janeiro: Edições Graal, 1984.

FOUCAULT, M. *O corpo Utópico e as Heterotopias*. São Paulo: Edições, 2013.

HALL, S. *A identidade cultural na pós modernidade*. 10 ed. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

MAFFESOLI, M. *Sobre o nomadismo: vagabundagens pós-modernas*. Rio de Janeiro / São Paulo: Record, 2001.

NOLL, J. G. *A fúria do corpo*. São Paulo: 1981.

SAMOYAULT, T. *A intertextualidade*. Tradução Sandra Nitrini. São Paulo: Aderaldo & Rothschild, 2008.

SPIVAK, G. C. *Pode o subalterno falar?* 1 ed. Trad. Sandra Regina Goulart Almeida; Marcos Pereira Feitosa; André Pereira. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

Recebido em: 27/02/2021

Aceito em: 15/05/2021